

Fundado em 1908

O TRIPEIRO



7ª Série, Ano XLIV, Número 6

Junho 2025

Publicação mensal

Preço de capa 3,00 Euros

AGOSTINHO RICCA

**O ARQUITETO
DO FOCO**

UMA VIAGEM NO ASFALTO

**MOVIDA DO PORTO
NOS ANOS 80**

PORTOFÓLIO

**AS CINCO DÉCADAS
DO BAIRRO DO ALEIXO**



162 Editorial

Aleixo e a política de boas intenções

164 Destaque

A morte de Camilo

168 Evocação

Camilo bicentenário

173 Bau dos Afetos

Os gloriosos anos 80 com sotaque do Porto

176 Portofólio

Bairro do Aleixo: 5 Torres, 5 Décadas

180 Porto Património

O arquiteto do Foco

183 Porto Património

O legado de Agostinho Ricca

188 Memória da Cidade

A “muralha” dos dois conventos

192 Porto Andante

A preservação das memórias

Ficha Técnica

O Tripeiro
Revista fundada em 1908

Propriedade
Associação Comercial do Porto
NIPC: 501 066 225

Sede social e redação
Palácio da Bolsa
Rua Ferreira Borges
4050-253 Porto
T: 223 399 052
F: 223 399 090
E: revista.tripeiro@cciporto.pt

Diretor
Nuno Botelho

Estatuto Editorial em
<https://cciporto.com/publicacoes-arquivo/>

Diretor Honorário
Francisco de Almeida e Sousa
(1921-2018)

Editor
Luís Costa
Rua I6, n.º 748,
4500-240 Espinho

Fotografia
Leonel de Castro

Colaboradores permanentes
Paulo Vaz

Colaboradores
Joel Cleto
Sérgio C. Andrade
Sérgio Jacques

Publicidade
Paulo Vaz

Conceção Gráfica
Godesign

Capa
Ricardo Fonseca

Patrocínio
Câmara Municipal do Porto

Impressão
UniarTE Gráfica, S.A.
Rua Pinheiro de Campanhã, 342
4300-414 Porto

Revista mensal
Preço de capa: 3,00 €
Assinatura anual: 35,00 €
Tiragem: 5.000 exemplares

IBAN Revista “O Tripeiro”
Millenniumbcp PT50 0033
0000 03380000303 23

Depósito Legal n.º 236892/05
ISSN 0041-3070
Registo no ICS n.º I07643

Espólio de Agostinho Ricca foi doado à Casa da Arquitectura

O arquiteto do Foco

Mais de 12.500 peças e documentos a testemunhar a vida e a obra deste arquiteto da Escola do Porto vão agora morar no Centro Português de Arquitectura em Matosinhos. Foi o autor do complexo residencial da Boavista/Foco, no Porto, uma das realizações mais conseguidas do movimento da arquitetura moderna que pensou a cidade como obra de conjunto, e não apenas edifícios e equipamentos isolados.

Sérgio C. Andrade

A Casa da Arquitectura, em Matosinhos, enriqueceu os seus arquivos com o espólio de um novo nome da Escola do Porto, Agostinho Ricca (1915-2010). E a doação foi formalizada no passado mês de maio com a assinatura de um protocolo na presença do filho do arquiteto, Helena Ricca, e também do arquiteto e professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) João Luís Marques, que desde 2012 vem cuidando da organização e catalogação do arquivo de Agostinho

Ricca, e que em 2015 integrou a comissão organizadora do centenário do autor de várias dezenas de projetos e obras que inscreveram o seu nome na paisagem edificada da sua cidade.

Depois de Eduardo Souto de Moura e de Pedro Ramalho, da dupla Francisco Melo-Jorge Gigante e de Teresa Fonseca, além ainda do fotógrafo Luís Ferreira Alves, a Casa da Arquitectura tem também agora no seu acervo a obra de Agostinho Ricca. Resultado de uma carreira de sete décadas, o novo espólio testemunha “os mais de 200 projetos – só no Porto, aproximadamente 120 –, dos quais 60 se concretizaram em obras construídas”, diz o comunicado emitido pela instituição matosinhense a anunciar a doação. São mais de 12.500 esboços e desenhos, maquetas e fotografias, correspondência e notas de viagens, além de bibliografia e documentação escrita.

A linguagem arquitetónica de Agostinho Ricca “evoluiu ao longo do tempo, refletindo diferentes influências. Inicialmente próximo da tradição académica das Beaux-Arts, com referências como Willem Dudok, viria a aproximar-se do modernismo de Alvar Aalto, Le Corbusier e Frank Lloyd Wright. Mais tarde, o seu trabalho dialogaria com correntes do pós-modernismo, inspirando-se em arquitetos como Carlo Scarpa e Jean Nouvel”, diz ainda a Casa da Arquitectura a descrever a longa vida e a obra do arquiteto, que, no Porto, ficou sobretudo marcada pelo projeto do complexo arquitetura, a descrever a extensa vida e obra do arquitecto, Boavista/Foco (em parceria com João Seródio e José Carlos Carneiro).

Desenhado em 1962, e construído ao longo de quase duas décadas, este parque residencial, promovido pelo grupo financeiro constituído pelo então Banco Português do Atlântico e pela empresa construtora William Graham, inclui vários edifícios de habitação, espaços verdes, uma galeria comercial e ainda um hotel, piscina e cinema (estes três últimos atualmente fechados). E ainda a Igreja de Nossa Senhora da Boavista, um templo de estética moderna, que no interior contém obras de arte de Júlio Resende (com destaque para os vitrais) e Zulmiro de Carvalho, numa feliz conjugação de linguagens, denotando “uma austeridade robusta, a par de uma grande uniformidade, conseguida pelo uso do betão aparente em todas as fachadas”, como se pode ler no Guia da Arquitectura Moderna – Porto, de Fátima Fernandes e Michele Cannatà (ed. Asa, 2002).

Ainda no Porto, avultam na obra de Ricca a torre de habitação Montepio Geral, na Rua de Júlio Dinis (1960-61), e o remate urbano desta artéria com a Rotunda da Boavista. A Câmara Municipal de Santo Tirso



Agostinho Ricca no seu atelier



CODA - Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto (1941)



Complexo Boavista-Foco (em parceria com João Seródio e José Carlos Carneiro) foi desenhado em 1962



Torre de habitação Montepio Geral na Rua de Júlio Dinis (1960-61)

(1970), os edifícios industriais da EFACEC, em Leça do Balio (1948-84), o Palácio da Justiça de Baião (anos 80), o Santuário de Santo António, em Vale de Cambra (1993), e a Igreja da Sagrada Família, em Chaves (1995), são outras obras por si projetadas, e que estão também agora documentadas na Casa da Arquitectura.

Nascido no Porto em 1915, Agostinho Ricca Gonçalves diplomou-se em Arquitetura na Escola de Belas-Artes da cidade, em 1941, onde foi discípulo de José Marques da Silva (concluiu a licenciatura com 18 valores). No início da carreira, trabalhou com mestres como Januário Godinho e Rogério de Azevedo, e integrou o Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal do Porto, onde colaborou com o italiano Giovanni Muzio num plano de urbanização da cidade.

Em 1947, integrou o grupo fundador da ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos), tendo participado, no ano seguinte, no I Congresso Nacional de Arquitetura. Em 1953, fez parte da equipa convidada por Carlos Ramos para renovar o ensino desta disciplina na Escola das Belas Artes, onde desenvolveria atividade docente entre esse ano e 1959, e depois na segunda metade da década de 70.

No final dos anos 90, quando no Porto se debatia a localização e a escolha do arquiteto para desenhar a Casa da Música, Agostinho Ricca tentou, sem sucesso, convencer a administração da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura a considerar o seu projeto de um Palácio da Música a implantar no Parque da Cidade para o efeito. Quando a Casa da Arquitectura vier a expor os arquivos de Agostinho Ricca, os visitantes irão poder comparar os desenhos desse projeto com o atual edifício de Rem Koolhaas.



Moradia Sá Lima, de 1956 (demolida).



Igreja de Nossa Senhora da Boavista e Centro Paroquial, no Foco.

Acervo do arquiteto soma mais de 60 anos de profícua atividade profissional

O legado de Agostinho Ricca

A incorporação do acervo de Agostinho Ricca na Casa da Arquitectura permite almejar novas formas de divulgação e sensibilização ao seu legado, desde logo tratando-o com o profissionalismo e a competência técnica que permitirão a sua consulta pública. Esta é a enorme responsabilidade e compromisso que os arquivos abraçam ao acolher acervos que se querem vivos, ao serviço da Arquitectura e também da Cidade.

João Luís Marques, arquitecto, professor auxiliar convidado FAUP, investigador CEAU, CEHR-UCP

Conheci a obra de Agostinho Ricca enquanto estudante, num primeiro momento, sem saber. Só depois surgiu o interesse por perceber quem fora o autor daquela icónica torre cor-de-laranja perto da Praça da Galiza, ou da incomum igreja de betão aparente, mais larga que alta, a meio da Avenida da Boavista, junto da Via de Cintura Interna. E, rapidamente, da igreja se passou ao ‘Foco’. E o foco passou a ser a cidade e arquitetura que Agostinho Ricca sonhou e propôs!

“Realmente, se quiser referir uma zona nova, uma zona residencial, por exemplo, onde exista qualidade, terei de ir um pouco ‘atrás’, ao Graham do arquiteto Agostinho Ricca” – Álvaro Siza, 1997

“(…) muito importante na obra de Ricca, e faz parte de um conjunto que integra o que de melhor se fez em urbanizações” – Souto Moura, 2018

O Parque Residencial da Boavista (Foco), projetado a partir do final dos anos 1950, é uma obra singular e de enorme valor, como reconhecem Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura. Recordo a excepcionalidade desta obra de arquitetura e urbanismo que em 2018 se procurou salvaguardar, elevando-a conjunto de interesse público. No processo instrutório, procurou-se demonstrar o valor: da inscrição urbana do conjunto na cidade; da inovadora relação perpendicular entre o edificado e a malha viária; dentro e fora; do jardim como chão comum; das variações da habitação; do cinema, hotel, clube residencial, galerias comerciais; de uma igreja para a cidade.

Por tudo isto, e porque não há duas sem três – ou, neste caso, três sem quatro – finalmente, em 2024, foi anunciada a classificação como monumento de interesse público da Igreja de Nossa Senhora da Boavista e Centro Paroquial, e a fixação da respetiva zona especial de proteção – o Parque Residencial da Boavista. Tudo isto influenciado



Piscina exterior do hotel Porto Atlântico – Tivoli.



Interior do cinema Foco.



Hotel Porto Atlântico – Tivoli foi inaugurado em 1976.



Bar do hotel Porto Atlântico – Tivoli, no Foco.

pela enorme mobilização social em reação ao polémico anúncio da intervenção de Vilhøvs prevista para a fachada do edifício de escritórios do Foco, corria o ano de 2018. Notícias nas redes sociais e na imprensa, recolha de assinaturas, depoimentos de figuras públicas e pareceres de instituições (Docomomo Internacional; Icomos; Ordem dos Arquitectos, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Fórum Cidadania do Porto, Revisitar o Graham, entre outras) espelharam o consenso em torno do valor deste legado moderno de arquitetura e urbanismo que era urgente proteger. O estudo do acervo de Agostinho Ricca, que integrará a Casa da Arquitectura, foi fundamental para a argumentação e justificação do pedido de classificação. Ser fiel depositário da memória de um monumento é uma enorme responsabilidade!

Passados mais de 20 anos sobre a primeira tentativa de classificação patrimonial, o estúdio Foco (cinema inaugurado em 1973), o antigo hotel Porto Atlântico – Tivoli (inaugurado em 1976), e o clube residencial da Boavista com piscinas continuam devolutos, em processo de degradação, à espera de um investimento de revitalização sensível à arquitetura moderna. Neste caso seria importante atender à diversidade de programas previstos na conceção desta área que contestava a monocultura habitacional, complementando-a com parques, serviços, hotelaria e áreas de entretenimento, garantindo assim uma máxima vitalidade. Esta ideia de cidade é, também ela, legado!

Mais de 200 projetos catalogados, identificados num universo de aproximadamente 12.500 desenhos – a celebração do centenário do nascimento, em 2015, foi o pretexto ideal para iniciar esta aventura que abre agora um novo capítulo.

As exposições “Agostinho Ricca, Arquitectura e Obra” e “Agostinho Ricca, Arquitectura e Desenho” foram complementadas por mesas redondas, visitas guiadas, sessões dedicadas à música – que Ricca tanto apreciava –, uma exposição de fotografia, entre outras iniciativas. A edição de um selo comemorativo pelos CTT mostra o eco destas iniciativas na sociedade civil. Tudo isto só foi possível graças à

generosidade da sua família, que organizou um grupo de trabalho – gente de diferentes gerações, de arquitetos (e não só) – a pensar um modo de celebrar a arquitetura que Ricca nos deixara espalhada pela cidade e pelo país. Houve manifesta vontade de estudar e divulgar a riqueza do acervo do arquiteto, e, simultaneamente, apelar à preservação do seu maior legado, a obra construída. Todas estas iniciativas foram realizadas ao abrigo de um projeto de mecenato cultural que contou com a parceria da Fundação José Rodrigues e da Câmara Municipal do Porto.

Procurámos conhecer os documentos que tinham chegado até nós. Se o olhar mais maduro transportava a memória e a lembrança da dinâmica do atelier; a juventude completava com a energia e a curiosidade necessárias para pôr ordem num infundável monte de papel que teimava em crescer e aparecer em cada canto. Procurámos juntar ao nosso olhar sobre as suas obras, novas leituras e testemunhos que resultaram na publicação “Agostinho Ricca. Arquitectura. Obra. Desenho”. (Uzina Books 2015).

Num acervo de arquitetura, que soma mais de 60 anos de atividade profissional, eram muitos os esboços e os desenhos avulsos, sem legenda, sem data. Juntavam-se as fotografias anónimas e as de Mário Novais, Teófilo Rego e Luís Ferreira Alves. Os escritos que davam a conhecer o homem arquiteto, com paixão pela música e natureza, pela história e pelas artes. Recordemos as obras pensadas como arte total, com a integração dos trabalhos de António Cruz, José Rodrigues, Júlio Resende, Zulmiro Carvalho, Domingos Pinho, Francisco Laranjo. Ricca preocupava-se com o bom e belo conforto! Pouco a pouco foram-se revelando e ordenando os trabalhos: os primeiros da academia, sob supervisão do mestre Marques da Silva; as colaborações com Rogério Azevedo e Januário Godinho; o trabalho no Gabinete de Urbanização da cidade do Porto com Giovanni Muzzio; as parcerias com Viana de Lima (dos tempos ODAM) e Benjamim do Carmo (em concursos da CMP), e, mais tarde, com João Seródio e Magalhães Carneiro (ao trabalhar para a Sociedade William Graham). Consciente da sua



Placa evocativa do hotel onde se alojou o Imperador Pedro II

responsabilidade social, comprometido com a cidade para o futuro, Ricca respondeu à Associação de moradores do Campo 24 de Agosto na segunda metade da década de 1970 e sonhou um pioneiro Palácio da Música para o Parque da Cidade em 1995.

Os desenhos e as propostas reunidas que integrarão o acervo da Casa da Arquitectura evidenciavam a afinidade com projetos internacionais que Ricca estudara e conhecia, através de publicações, mas também a partir das inúmeras viagens que realizou a partir do final do final da década de 1940. “Cá vamos em peregrinação aos lugares da grande arquitectura”, escrevia Ricca aquando da visita ao Finland Hall de Alvar Aalto, em meados dos anos 1990. As propostas de Auguste Perret, Willem Dudok, Le Corbusier, Hans Scharoun, Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto e Carlo Scarpa são algumas das referências presentes na sua produção criativa.

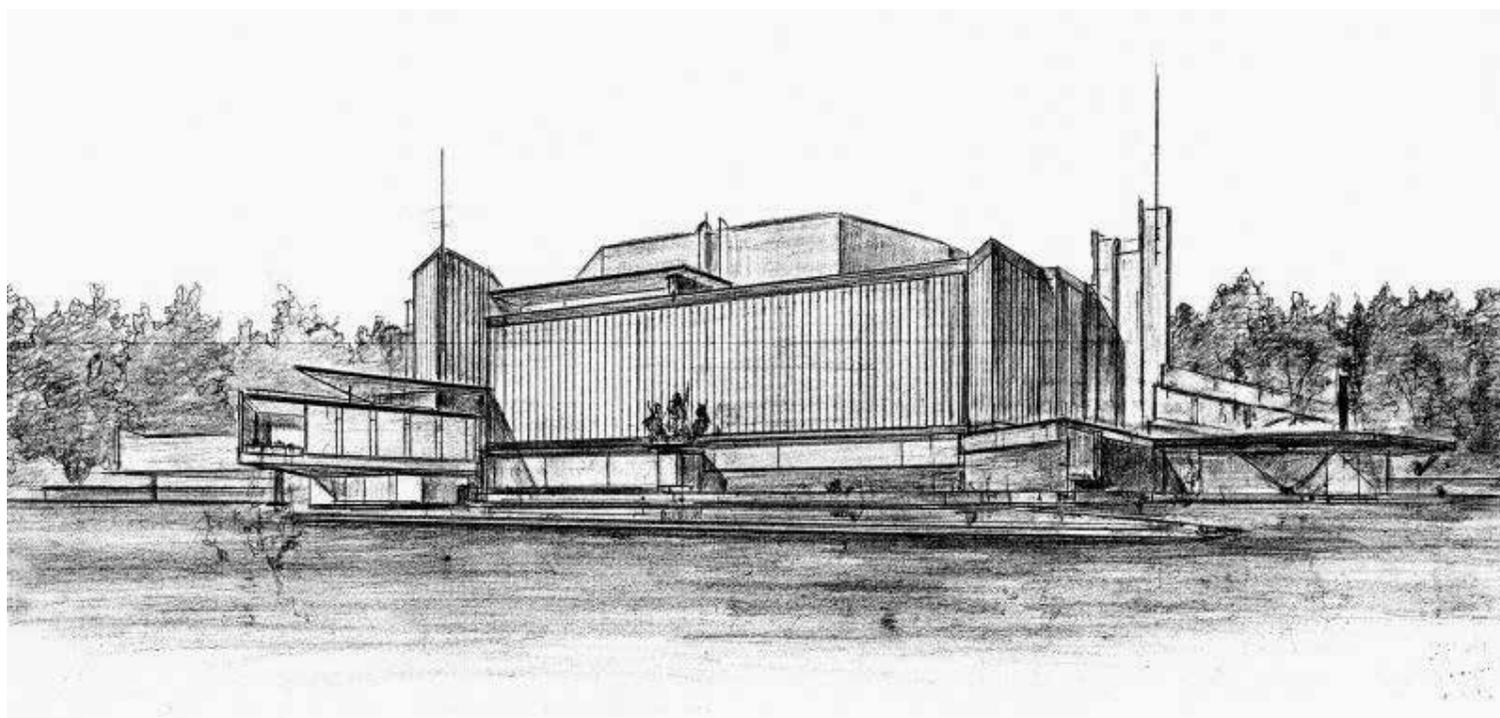
Às obras conhecidas que Ricca selecionara para a monografia que publicou em 2001 somavam-se tantos outros bons projetos desconhecidos do grande público: planos urbanísticos, conjuntos urbanos, equipamentos (cinemas, hotéis, piscinas, câmaras, tribunais, quartéis, escolas, escritórios, fábricas, igrejas... e até lojas e balcões comerciais), habitação plurifamiliar, unifamiliar, desenho de mobiliário. Nesse entusiasmante e alucinante processo de catalogação de obras, fomos tomando consciência da distribuição geográfica da sua obra. Só no Porto somavam-se perto de 120 projetos (60 deles construídos) que tinham contribuído, na sua excecionalidade ou quase anonimato, para a transformação da vida e imagem cidade invicta.

Em 2020, em parceria com a Ordem dos Arquitectos, e com o empenho da Fundação Marques da Silva, foi publicado o Mapa de Arquitectura – Agostinho Ricca. Ao Porto juntavam-se obras em Matosinhos, Maia, Gondomar, Baião, Santo Tirso, Braga, Chaves, Gaia, São João da Madeira, Ovar, Vale de Cambra, Aveiro, Viseu. A extensão da sua obra, reforçada pela ampla cobertura geográfica e temporal, é acompanhada por elevada qualidade e valor que lhe é reconhecida nas suas diferentes obras.

Já em 1941 escrevera para o Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto na escola onde veio a lecionar: “Nem a feição mais utilitária das construções modernas justifica a sua inferioridade artística porque, fazendo reagir as intuições da harmonia sobre as necessidades da construção, um bloco de habitações ou um edifício industrial podem ser tão belos como um palácio ou uma basílica. Podem ser? Devem ser. Precisamos de dar à nossa vida pública e particular um quadro que lhe levante o nível ou, melhor, que lhe faça descobrir o verdadeiro significado”.

A incorporação do acervo de Agostinho Ricca na Casa da Arquitectura permite almejar novas formas de divulgação e sensibilização ao seu legado, desde logo tratando-o com o profissionalismo e a competência técnica que permitirão a sua consulta pública. Esta é a enorme responsabilidade e compromisso que os arquivos abraçam ao acolher acervos que se querem vivos, ao serviço da Arquitectura e também da Cidade! Sejamos todos – e até aqui já fomos muitos – os indivíduos e as instituições, criativos e comprometidos. É necessário dar a conhecer, mais, e incentivar o estudo, profundo. Desta forma poderemos revisitar a nossa história, e escrevê-la como quem desenha um projeto de futuro!

Comprometido com a cidade para o futuro, Agostinho Ricca sonhou um pioneiro Palácio da Música para o Parque da Cidade, em 1995, mas a sua ideia – traduzida na maquete e desenho aqui reproduzidos – acabou por não ser concretizada.



Palácio da Música, desenho original de Agostinho Ricca (Arquivo Agostinho Ricca, Casa da Arquitectura).